

Base parlamentar de Collor ameaça ruir

CIDA FONTES e NÚBIA FERRO

BRASÍLIA — Conservadores ou progressistas, os políticos de uma maneira geral deram nos últimos dias um recado bem claro para o Presidente Collor: ele terá que mudar a postura indiferente e arredia que tem mantido com o Legislativo e buscar o diálogo se quiser contar com o apoio do novo Congresso que tomará posse em fevereiro.

Os políticos garantem ser esta a única forma de Collor levar em frente seu projeto de Governo, sem provocar um grave confronto entre o Legislativo e o Executivo.

— Um Governo que carece de sustentação política é um fator de crise. Desinteressado em buscar apoio, atacando os empresários, sem contar para isso com o respaldo dos trabalhadores e dos parlamentares, vai acabar colocando em risco o processo democrático. Logo surgirá alguém que chegará à irresponsabilidade de pedir a sua cabeça — analisa o Deputado Roberto Freire.

O tratamento que Collor tem dado ao Congresso preocupa sobretudo as lideranças que o apóiam — as primeiras a classificarem seu comportamento de “arrogante e imperial”. O Congresso terá em fevereiro 60% de renovação, com parlamentares que, em sua grande maioria, não dependeram da ajuda do Planalto, e vão querer fazer valer todas as prerrogativas do Legislativo.

Os políticos acham que Collor deu as costas para seus colaboradores no Congresso durante a campanha eleitoral e os deputados que conseguiram se reeleger prometem exigir mais. Dizem que agora não precisam da gratidão de Collor que, avaliam, até hoje se valeu do marketing e da opinião pública para submeter o Congresso à sua vontade.

— A opinião pública já não dá ao Presidente o mesmo respaldo do início de Governo. Agora vai cobrar suas expectativas do Congresso e os parlamentares vão fazer tudo para ter a opinião pública do seu lado — afirma o Deputado reeleito Luís Roberto Ponte (PMDB-RS).

Nos primeiros meses do Governo, os atuais parlamentares apoiaram Collor para não entrar em confronto com a sociedade que o elegeu. Mas, como eles próprios concluem agora, a situação já não é a mesma, uma

vez que o próprio Presidente, através de seu Porta-Voz, Cláudio Humberto, tem agredido setores respeitados pela sociedade como OAB e CNBB. Por isso, entendem, a legitimidade de Collor não será um fantasma para limitar o Congresso.

O Líder do PTB, Deputado Gastone Righi, acha que Collor errou na medida em que recusou a formação de um Governo de coalisão para sustentá-lo politicamente. O deputado considera Collor “auto-suficiente” e reconhece sua “aversão ao diálogo”.

— No novo Congresso ele tem duas alternativas: ou revê a sua posição e se aproxima dos parlamentares ou colocará em risco a estabilidade de seu Governo.

O desinteresse do Governo em se organizar dentro do Congresso, segundo o Deputado Prisco Viana (PMDB-BA), tem muito a ver com o fato de o Legislativo ter sido muito concessivo nos primeiros meses de Governo. Mas, no seu entender, esse quadro vai mudar muito na próxima legislatura e os reeleitos já começaram a se insurgir. Exemplo disso foi a votação do veto do Presidente ao projeto de política salarial há dois meses, quando o Governo só conseguiu mantê-lo por uma questão regimental. Na Câmara, o veto foi derrubado. Mas o regimento fez com que o Senado, com apenas 38 Senadores em plenário, mudasse a posição majoritária do Congresso. A situação repetiu-se na quarta-feira com o Plano de Custeio e Benefícios.

Outro reeleito que deu apoio incondicional ao Governo, o Deputado Amaral Netto (PDS-RJ) não está também contente com o tratamento que Collor lhe tem dispensado. Há cinco meses, Amaral Netto não fala com o Presidente. Com certa dose de ironia, o Líder do PDS aponta a saída para melhorar o relacionamento: a construção de uma free-way do Congresso para o Planalto.

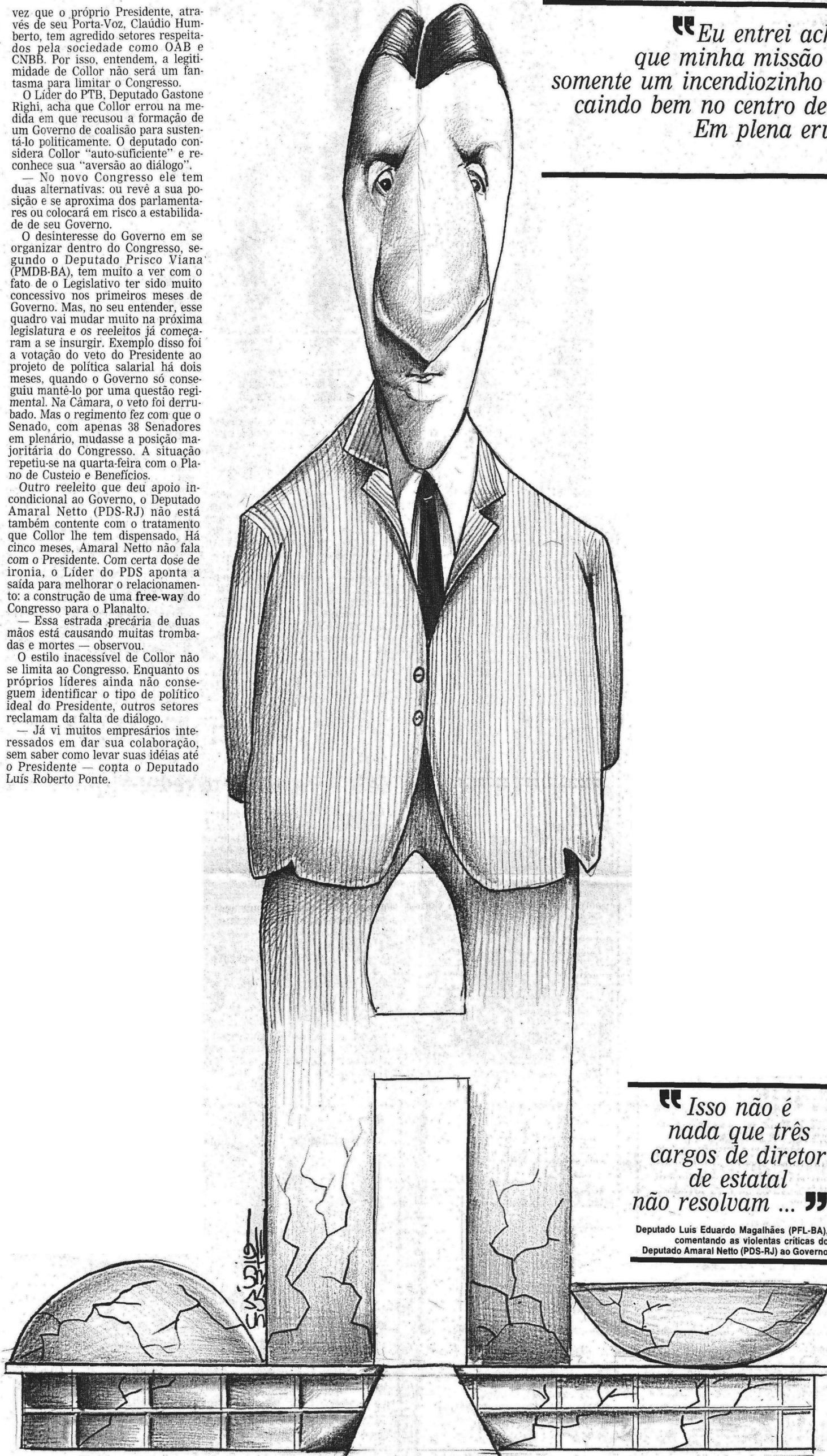
— Essa estrada precária de duas mãos está causando muitas trombadas e mortes — observou.

O estilo inacessível de Collor não se limita ao Congresso. Enquanto os próprios líderes ainda não conseguem identificar o tipo de político ideal do Presidente, outros setores reclamam da falta de diálogo.

— Já vi muitos empresários interessados em dar sua colaboração, sem saber como levar suas idéias até o Presidente — conta o Deputado Luís Roberto Ponte.

“Eu entrei achando que minha missão era apagar somente um incendiозinho de cerrado e acabei caindo bem no centro de um vulcão ativo. Em plena erupção!”

Ministro Jarbas Passarinho



“Isso não é nada que três cargos de diretor de estatal não resolvam ...”

Deputado Luis Eduardo Magalhães (PFL-BA), comentando as violentas críticas do Deputado Amaral Netto (PDS-RJ) ao Governo